

Teleporto, uma nova cidade

Paulo Maurício
Castelo Branco *

As grandes cidades do mundo despertaram para a importância dos teleportos como centros de negócios, capazes de gerar um novo foco de desenvolvimento.

A constatação de que os teleportos se constituirão em fator de competitividade decisivo nos próximos anos ganha corpo também no Brasil. O primeiro passo neste sentido foi dado pelo governo federal, que incluiu o Teleporto Rio de Janeiro, primeiro da América Latina, entre os quatro projetos prioritários do Conselho In-

terministerial de Ações Federais no estado. O Plano Estratégico da Cidade também fixou, em suas diretrizes básicas, a importância do Teleporto como poderoso instrumento de desenvolvimento econômico e comercial para o Rio.

O apoio dos governos federal, estadual e municipal é da maior importância para uma mais ampla difusão do conceito de teleporto entre nós. Outra maneira de contribuir para melhor compreensão está em conhecer um pouco da experiência de outras grandes cidades. É como ficará mais claro o papel que o Teleporto Rio de Janeiro tem a desempe-

nar como verdadeira porta de entrada de novos investimentos para o Brasil, tanto no âmbito do Mercosul quanto nos dos principais mercados mundiais.

Há, atualmente, mais de cem teleportos em operação, construção ou projeto no mundo. Todos guardam a característica comum de completa disponibilidade de infra-estrutura de telecomunicações a custos compatíveis, com transmissão e recepção de voz, dados e imagem em tempo real e ao longo das 24 horas do dia. Todos guardam, também, suas peculiaridades, que dependem da vocação econômica de cada região. Os te-

leportos são capazes de atrair empresas com demanda intensa de telecomunicações e informática, como trading companies, corretoras de títulos mobiliários, instituições bancárias, redes de televisão, empresas financeiras e de informática, atendendo às principais demandas de cada cidade.

O Teleporto de Nova York surgiu a partir da necessidade de revitalização e de desconcentração regional das atividades econômicas da cidade. Instalado em área antes desvalorizada, abriga atualmente o centro mundial de processamento de dados da Merrill Lynch, uma das maiores corretoras do mundo.

A mesma característica de resgatar uma área subocupada marca o surgimento do Teleporto de Berlim. Ele se instalou na região do Muro de Berlim e já abriga atualmente empresas como Sony, Toshiba, Apple, Daimler-Benz, Unisys, etc.

Os teleportos também se firmaram como importantes centros de geração e transmissão de imagens de televisões comerciais e por assinatura. É o caso dos de Montreal e Colônia, que se dedicam especialmente às mídias televisivas e à multimídia em geral. O Teleporto de Colônia, não por acaso, se denomina Media Park. E o de Montreal conta com as redes de televisão TV5 e Telesat Canadá, além da Cantel, líder em comunicação celular.

Muitas outras cidades já

podem considerar seus teleportos verdadeiros centros de negócios. É o caso de Paris, onde o Teleporto de Ile-de-France, localizado no entorno da cidade, abriga empresas como France Telecom, MGM e Euro-Disney. Também localizado na periferia da cidade, o Teleporto de Amsterdã surgiu como parte de um projeto

imobiliário e já abriga empresas como Sita, Hewlett-Packard e KLM.

O projeto dos teleportos atinge diferentes estágios de

desenvolvimento em cada cidade. Como se trata de um conceito ainda novo, surgido no início da década de 80, é natural que se encontre em plena evolução em quase todas as regiões. No Rio de Janeiro, por exemplo, o Centro Empresarial Cidade Nova (CECN), primeiro prédio do Complexo do Teleporto, é muitas vezes confundido com o próprio projeto. Atualmente, o CECN já abriga instituições como

Teleportos, importantes ao setor superior do terciário com alta demanda de telecomunicação

Sul América, Banco Real, Fuji, Gazeta Mercantil, Ibase, Denison, Sotreq, Iplan-Rio, Rio Soft, DBA, Globalnet, Wavis, Abril Livros e Reader Digest do Brasil. Outras edificações serão construídas na área delimitada pela Prefeitura, entre as quais prédios de escritórios padrão AA, shoppings de temas específicos (como de informática, por exemplo), hotéis, etc.

Nunca é demais, também, citar os investimentos previstos de US\$ 1 bilhão pela iniciativa privada, que gerará cerca de 30 mil novos empregos no estado.

Como se vê, os teleportos são direcionados, principalmente, a empresas do segmento superior do setor terciário da economia, com demanda intensiva de serviços nacionais e internacionais de telecomunicações e de informática. A constatação apenas reforça a importância da instalação do primeiro teleporto brasileiro do Rio, cidade cuja economia conta com participação de 70% do setor de serviços. Além da vocação para o setor terciário, nunca é demais enfatizar que contamos com a mão-de-obra mais qualificada do País e com o segundo maior mercado brasileiro de informática.

Como tantas cidades do mundo, o Rio de Janeiro conta, desde já, com um importante fator de competitividade para os próximos anos. É esta a importância de um projeto como o do

Teleporto. Com ele o Rio se alinha às maiores cidades do mundo, que compreenderam a importância de implantar um

verdadeiro porto de telecomunicações em seu interior. E reafirma, uma vez mais, sua condição de porta de entrada para novos investimentos no Brasil. ■

* Secretário extraordinário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

